



Gabriela Leite

Heloisa Buarque de Hollanda

Dastripas coração

Numa tarde de abril na sede da Ong Davida na Glória, RJ, Gabriela falou de sua vida na prostituição, sua família, sua militância obstinada. Indentifica-se como parte da geração 60 e confessa que se cansou das revoluções de botequim e radicalizou os avanços da questão sexual, indo experimentar a prostituição como uma alternativa profissional interessante. Fala ainda das questões políticas que hoje fazem a agenda do movimento nacional das prostitutas no país.

Heloisa Buarque de Hollanda: Vamos falar primeiro de você como pessoa física e depois da pessoa jurídica. De onde exatamente surgiu essa figura única que é a Gabriela Leite?

Gabriela Leite: Nasci em São Paulo, capital, na Vila Mariana em 22 de abril 1951. Como paulista não migra muito, eu saí de São Paulo pela primeira vez, só no começo da década de 80.

E sua vida em São Paulo, como foi?

Estudei lá toda a minha vida. Estudei em escola pública, num colégio muito bom de São Paulo, o Brasília Machado na Vila Mariana. Depois, eu fiz clássico e prestei vestibular na USP e fui fazer Filosofia.

Mas você não é socióloga?

Não me dei bem com a Filosofia e pedi transferência para Sociologia. Isso foi em 1969 e suas confusões políticas e eu era muito participante. Eu não fazia política diretamente mas era do tipo que não saía dos bares e botequins com artistas, intelectuais, essa gente toda. O ponto do pessoal da faculdade era um bar na Consoção, chamado Redondo, que era bem perto do Teatro

Oficina, freqüentado também pelos artistas da contracultura.

Quem era sua turma?

Eu conheci uma porção de gente nessa época muito legal: o Plínio Marcos, Sueli Rolnik, você deve conhecê-la, nós somos contemporâneas, da mesma época. Ela era da Psicologia. Todo mundo se freqüentava, era um tempo de alta confusão e encontros.

Todo mundo sendo preso também não é?

É! Era muito ruim. Esse grupo foi muito importante para mim porque foi ali que eu comecei a discutir a questão da sexualidade. Eu sou da geração do advento da pílula, dessas coisas todas. Sou da época em que as meninas eram virgens. Mas a gente entrava na faculdade e saía mudado. Aquela época mudou tudo. De um dia para o outro, tudo era outra coisa. Eu sou dessa geração.

Como era sua família? Você era rica, era pobre, era o quê?

Eu era uma menina de classe média baixa, que nessa época já estava morando mais para a periferia. Meu pai

era crupiê de cassino. Eu até hoje guardo uma carteira de trabalho do meu pai, de 1940. O jogo nessa época ainda era legal. Ele trabalhou no cassino da Urca no Rio, em Recife, lá em São Paulo, em Santos, em vários cassinos. Depois, o jogo foi proibido e ele começou a trabalhar num cassino clandestino em Caxambu. Ele ficou em Caxambu, no Hotel Palace, até sua morte.

E sua mãe?

Minha mãe era do interior. O meu pai era da aristocracia paulistana. Meu avô era capitão e tinha participado da Revolução Constitucionalista. Eles tinham sido muito ricos mas nessa altura já estavam decadentes. Eram todos boêmios e ninguém trabalhava. Tinham uma casa muito grande na Vila Mariana. E tinham uma fazenda de criação de gado e café, em Araras, São Paulo. A fazenda era imensa e a família da minha mãe trabalhava na fazenda. O meu avô geria a fazenda e meu pai, cansado da vida da boêmia e da própria história, foi passar uns dias na fazenda e se apaixonou por minha mãe, uma mulher da roça, analfabeta, que tinha 16 anos. Essa é, pelo menos, a história que eles contam...

A família de sua mãe era de imigrantes?

Sou descendente dos guaranis. A minha avó é uma índia guarani. Tenho coisas de índia, a cor amarelada, a falta de pêlos. A família foi acabar na roça. Depois de casada minha mãe veio para São Paulo com o meu pai. E sofreu muito porque ela veio para um mundo completamente diferente do dela. Minha avó paterna era uma aristocrata.

E seu pai devia viver viajando por conta do trabalho nos cassinos...

Exato. Ele viajava, deixava minha mãe com minha avó que a tratava como empregada. Minha mãe sempre fala dessas coisas, cheia de mágoa.

E ela está viva?

Está viva! Ela vem aqui sempre no final do ano. Ela até hoje não lê nem escreve, mas é muito inteligente. Conhece os ônibus por cor, por número. Ela faz um tricô fenomenal. Ela vive disso, faz uns tricôs lindérrimos. Antes de tudo, ela é muito esperta. Mas, por ela ser uma mulher muito rural, por não saber ler e escrever, essas coisas, ela é muita conservadora, muito católica,

muito rígida, nas questões morais. Minha vida era assim: por um lado, o meu pai muito aberto, boêmio e tal. Por outro, ela segurando a gente dentro de casa.

Você tinha muitos irmãos?

Duas irmãs. Sendo que a minha irmã mais nova foi uma tentativa deles de salvar o casamento. Eu e a minha outra irmã temos onze meses de diferença. Depois vem a Thais, doze anos mais nova do que eu. Éramos três mulheres vivendo entre duas famílias completamente diferentes. Nas férias de final de ano, a gente ia para o interior e convivía com a família imensa da minha mãe. Era meu avô pitando, minha avó pitando e o resto do povo à beira do fogão de lenha. E uma conversa completamente diferente na casa dos meus outros avós. Era muito complicado para nós. Eu e minhas irmãs viemos dessa história.

Você se formou?

Não, não cheguei a me formar. Faltou pouquinho!

Por que você largou?

Pois é. Até hoje penso em voltar.

Não adianta nada. Esquece isso.

É, sei disso. A faculdade hoje em dia está muito fraca.

Por que você largou os estudos justo numa hora de entusiasmo estudantil?

Eu larguei porque a minha vida mudou muito. Eu trabalhava para ajudar a minha mãe. Eu era a filha mais velha, tinha que ajudar. Meu pai já estava separado dela. Eu estudava à noite na USP. Eu trabalhava em São Caetano e era secretária na Shell durante o dia. Então eu tinha que sair de São Caetano e ir para a Cidade Universitária, que é do outro lado da cidade. E, de noite, eu ainda ficava na conversa no botequim, com esse povo todo, aprendendo um monte de coisa e tal. Eu tinha dezenove anos e não conseguia coordenar essa vida. Comecei a me cansar de toda essa história de escritório e, como a gente discutia muito as questões de sexualidade nesse grupo, percebi que eu estava me cansando também das nossas revoluções no botequim e resolvi mudar tudo, radicalizar e mudar a minha vida. Mas isso foi uma...

Uma decisão sua?

É. Sem falar para ninguém. A gente costumava se reunir num bar perto da Igreja da Consolação, que era um bar famoso dos artistas de teatro e da contra-cultura paulistana. E, logo ali, bem perto desse bar, ficava a rua das boates de prostituição, na Major Sertório. Pertíssimo, bem no Centrão antigo de São Paulo!

Esse lugar tinha um nome que eu esqueci....

Tinha. Era chamado de Boca de Luxo. Hoje em dia tudo isso está decadente mas naquela época era mesmo um luxo. Havia um Hotel Hilton, na esquina da Major Sertório, que existe até hoje e, mais embaixo uma boate chiquérrima de prostitutas chamada Laricórnio. Era famosíssima.

O nome era esse mesmo?

Era. Era esse era o nome da dona. Ela era uma cafetina famosa de São Paulo. Nessa boate, se encontrava todo o poder paulistano. E como eu ficava com meus amigos num bar muito perto dali, eu via as mulheres chegarem de carro de vestido longo, todas bem maquiadas, arrumadíssimas. Depois chegavam aqueles homens chiquérrimos e eu pensava: “Isso aí deve ser interessante”.

Era quase o mundo do cassino!

Isso mesmo! Eu não tinha pensado nisso. Mas era quase o mundo do cassino.

Mas, de qualquer forma, não foi lá que eu comecei minha vida como prostituta. Primeiro resolvi conhecer as boates da Major Sertório. Essa boate de que falei, por exemplo, eu nunca entrei. Fiquei só olhando de longe. Mas lá tinha um monte de boates. Era como se fosse a Mem de Sá antigamente.

Mas, pelo impulso de mudança radical a que você se referiu, você não deve ter ficado observando por muito tempo, ficou?

Não. Olhei, olhei e acabei entrando numa boate, a boate Michel. Só que entrei vestida no meu jeito. A moda era se vestir de hippie, saia até o pé, de chinelo, etc. E foi assim que eu entrei na boate. Mas aí entrei e não gostei. Primeiro, porque eu não estava vestida da forma que eu deveria estar, com uma roupa mais sexy, sei lá o quê. E segundo, por conta do barulho. Detesto

boate até hoje. E a minha idéia de mudar de vida, completamente, terminou com a minha entrada nessa boate. Em boate, não ia dar. Eu não me questionava absolutamente sobre o tipo de atividade que eu ia fazer. Eu me questionava sobre o espaço em que ia fazer essa atividade.

Isso, explicado desse jeito, Gabi, é estranhíssimo.

Mas foi assim mesmo. Um dia eu estava subindo a rua, meio chateada porque essa minha incursão não havia dado certo e parei num botequim para tomar uma cerveja sozinha. Na porta, tinham uns homens tomando cerveja também e começaram a conversar comigo. E um deles perguntou o que eu tava fazendo ali na rua, que nunca tinha me visto antes ali, enfim essa história que sempre acontece na prostituição. Os caras sabem quem é e quem não é do lugar. Aí eu contei minha triste história para ele, que eu tinha ido a uma boate e não tinha gostado. Ele era marido da dona de um apartamento na Boca do Lixo, que era uma outra área de prostituição um pouco mais pobre. A Boca do Lixo era um conjunto de prédios do outro lado do centro da cidade.

E foi lá que você acabou trabalhando?

Foi. Fui trabalhar num prédio na Barão de Limeira, a rua da Folha de São Paulo. A Barão de Limeira, a Rua Vitória, a Rua Aurora, tudo ali era a Boca do Lixo. Voltando à história, o tal homem me deu o endereço da mulher dele, que era dona de um apartamento de prostituição na Boca do Lixo. Eu fui lá no dia seguinte. E lá eu fiquei para trabalhar na prostituição. Lá fiquei durante todos os anos que morei em São Paulo.

E você se sentiu feliz?

Senti. E a Elza, a dona do apartamento, era bem legal. Na verdade, como sempre que eu trabalhei na prostituição, foi aqui no Sudeste e nas capitais, e sempre dentro de casa e nunca na rua, nunca tive problemas sérios de cafetina, de violência, jamais tive isso.

Depois de São Paulo você foi para onde e porque?

Fui para Belo Horizonte. E fui porque enquanto eu ainda estava trabalhando em São Paulo, por volta de 1979, quando o secretário de segurança de São Paulo era o Fleury, apareceu na 3ª delegacia, que era a jurisdição

ali do lugar, um delegado chamado Wilson Riqueti. E esse homem era um maluco. Ele resolveu que as mulheres que trabalhavam nos prédios não podiam sair na rua. Então se você tinha que jantar, se você tinha que comprar uma revista, comprar uma roupa, não podia sair. Tinha que ficar presa dentro dos prédios para a sociedade não ver as prostitutas.

De dia e de noite?

De dia e de noite. Era assim, não podia sair, tinha que mandar comprar marmita, comida fora. E as meninas que saíam na rua, eram presas. Isso tudo está registrado em matérias da Folha de São Paulo da época. Nesse momento, duas colegas nossas desapareceram. Uma, inclusive, estava grávida. Foram presas e desapareceram. E aí, ficou um negócio muito ruim, todo mundo com medo e tal. A partir daí, comecei a pensar que dentro dos prédios havia muitas prostitutas. Só no meu prédio, havia oito andares. Com esse número todo de prostitutas, imaginei organizar uma passeata. No começo, ninguém queria. Mas depois, vendo que a situação estava muito difícil, organizamos uma passeata que foi um rebu na cidade de São Paulo. Imediatamente os artistas vieram dar apoio. Foram sempre os artistas que nos deram apoio nos primeiros momentos de todas as nossas histórias. E aí, a Ruth Escobar ofereceu o teatro da Rua dos Ingleses para a gente fazer uma assembléia. E fizemos.

Mas você tinha contato com um a rede maior de prostitutas ou era só nessa rua?

Era só nessa porque eu não podia sair de dentro do prédio. Então a primeira passeata que nós fizemos foi com as meninas de dentro do prédio e as cafetinas que podiam sair chamaram as dos demais prédios. A gente fez a passeata e o episódio saiu nos jornais, provou escândalos e essas coisas todas. Mas a essa altura a gente já tinha conseguido sair na rua.

A repercussão foi boa então?

Foi. Foi ótima. Partimos então para fazer uma assembléia. E nessa assembléia, além das prostitutas, veio muita gente interessada em dar apoio e nos ajudar.

Como é que foi a divulgação disso?

O pessoal lá da Ruth Escobar e do Teatro Arena ajudou muito.

E tinha boca-a-boca?

Tinha nos prédios. Porque um prédio era perto do outro.

Só tinha gente de São Paulo?

Só tinha gente da Boca do Lixo, que era onde estava tudo acontecendo. Mas assim mesmo, era muita mulher. Conseguimos, com essa movimentação toda, casar o delegado. Nunca ninguém descobriu o sumiço das meninas, mas o delegado saiu.

Você acha que ela foram mortas?

Acho que sim. O que aconteceu com ele muitos e muitos anos depois foi que, gordo, imenso, e cercado de caras nojentos bebendo num bar na Amaral Gurgel, foi reconhecido pelos travestis do local que lhe deram uma surra. Quase mataram ele.

Lavou sua alma?

Lavou. Eu já não estava mais em São Paulo. Me contaram essa história tempos depois. Depois dessa história, de ele ter sido afastado e as coisas caíram no esquecimento, ninguém mais investigou nada. E as meninas também não queriam mais aparecer. Porque todos os movimentos são iguais. Quando a situação está ruim todo mundo se junta, as coisas ficam boas, todo mundo se esconde. Mas aí eu fiquei pensando duas coisas. A primeira, é que eu já estava de saco cheio de São Paulo. A segunda é que, como eu tinha conseguido aquilo tudo, daria para começar alguma coisa maior. Só que eu só conhecia aquela prostituição. Eu não era uma mulher, como a gente fala no meio, rodada. Eu só era daquele pedaço. E aí, eu resolvi viajar, conhecer um pouquinho mais a prostituição. Acabei me fixando em Belo Horizonte, que tinha uma prostituição bem estruturada.

Você tinha dinheiro guardado para viajar e se estabelecer em outro lugar?

Mas não se precisa disso! Viaja-se de carona de caminhão e fica-se na zona. E lá se ganha dinheiro. Todo mundo faz isso. Você sabe que prostituta é muito nômade, cigana.

E, a essa altura, você mantinha ainda contato com sua família?

Eu nunca deixei de mandar dinheiro para a minha mãe porque sabia que ela precisava mas, na verdade, ela não queria muito mais saber de mim não. E eu também não queria brigar muito com ela por conta da minha história. Mas eu continuava minha vida indo para cidades do interior. Vim pela Fernão Dias, pelo sul de Minas, trabalhei em Três Corações, Três Pontas, um monte de cidades. E aí eu cheguei a Belo Horizonte. Em Belo Horizonte, fiquei um bom tempo. Eu gostava muito de lá.

Por que essa predileção?

Ah, porque é uma cidade ótima. E a zona de lá é muito organizada. As pessoas são educadas. Os mineiros são muito conservadores por isso é difícil fazer amizades lá. Mas Belo Horizonte é uma cidade onde você conversa bem, onde as pessoas são muito legais, onde a comida é ótima. Eu adoro comida mineira. Tenho grandes amigos em Belo Horizonte. Muitos amigos mesmo.

Quanto tempo você ficou em Belo Horizonte?

Um ano. Mas eu fiquei tão entusiasmada com Belo Horizonte, que, como eu conseguia ganhar bastante dinheiro lá, resolvi que ia morar lá por toda a minha vida e comprei um terreno na cidade. Um terreno bom, próximo do centro. E eu pretendia construir uma casa, mobiliar a minha casa, e depois ver o que ia fazer da vida. Pensei em voltar para a universidade em Belo Horizonte. Fiz todo um esquema para mim lá.

E como você acabou vindo para o Rio?

Eu conheci uma menina que era daqui do Rio de Janeiro e o meu grande sonho era conhecer o Rio. De tempos em tempos, ela ia para Belo Horizonte trabalhar. Uma vez ela me convidou para passar uns dias no Rio e conhecer a praia. Isso foi em 1982. E, como toda e qualquer prostituta que vem para o Rio de Janeiro, eu cheguei no mesmo lugar que todo mundo chega: na Prado Júnior em Copacabana, onde minha amiga morava. Aí eu fiquei. Ia para a Praia do Leme, até hoje a minha praia predileta. Eu ia de manhã cedo e ficava até de noite. Aí de noite eu ia para a casa da minha amiga, tomava um banho e saía de novo. O Rio de Janeiro era pequeno para mim. Eu tinha um sonho de

conhecer o samba. Apanhei um ônibus e fui até a Portela. Para mim, tudo no Rio era uma grande maravilha. Aí acabou meu dinheiro. E eu tinha que voltar para BH para ganhar a vida. Mas aí eu pensava: "Vou ficar mais uns dias aqui". Até que fui com essa minha amiga, na boate Pussy cat, onde ela trabalhava, e que existe até hoje na rua Berlfort Roxo. Só que quando eu cheguei, fui barrada na entrada.

Por quê?

Porque eu era branca. Era uma boate para homens que gostavam de mulheres negras. Em Copacabana tem essas coisas. Tem boate especializada. Tem boate lá, as meninas aí sabem os nomes, eu não sei, que só atende clientes japoneses. Então naquela boate não entra mulher negra porque os japoneses não gostam de mulher negra. Tem outras boates que só entram mulheres negras, não entram brancas. Tem outras que são somente para brancas. Eu estava aqui há pouquíssimo tempo, ainda não sabia dessas coisas. Mesmo sendo barrada ali, eu poderia ir a outra boate. De qualquer forma, eu não gostava de boate. Só iria para ganhar um dinheirinho e dar continuidade para alguns dias mais de férias.

Mas você entrou ou não em outra boate?

Não entrei não. O que fiz foi perguntar para ela se havia uma zona aqui no Rio de Janeiro como a que eu conhecia em São Paulo ou como a que ela ia em Belo Horizonte. E ela me indicou a Vila Mimososa, não a nova, a antiga. Poucos anos antes haviam demolido a zona do mangue e eu não conheci a zona lá que era imensa. Mas ela me recomendou não ir à Vila Mimososa porque era muito perigoso, só tinha bandido. Mas eu nunca tive problema com isso. E fui para a Vila Mimososa. E esse foi um dia muito importante na minha vida, um dia que eu nunca vou esquecer. Atravessei a rua perto do Bob's, peguei o 433 que era um ônibus vermelhinho, e fui para o Estácio. Essa foi a primeira vez que eu apanhei um ônibus no Rio de Janeiro. Desci do ônibus, entrei na Vila Mimososa e amei. Parecia a zona da cidade do interior. O Rio era uma baita cidade, com uma zona do interior. Amei. Aquelas máquinas de música tocando em todas as casas. O som daquelas músicas bregas, tudo colorido. A imagem que eu tive da Vila Mimososa era a de uma grande festa. E eu fui ficando lá, fui ficando lá. Só voltei para Belo Horizonte para buscar minhas roupas. Nem vendi o meu terreno que a essa altura já perdi.

Perdeu?

Perdi. Ele foi ocupado. Mas também eu sou tão desligada. Não quis me aborrecer com isso. Aí fiquei aqui, fui ficando e fui morar na zona, não queria mais morar em Copacabana. Eu adorava zona. E fui de lá para o Estácio. Até hoje eu adoro o Estácio.

Por que você adorava tanto a zona? Qual a diferença da zona para Copacabana mesmo?

Ah, porque lá era uma grande festa sempre. Você trabalhava, ganhava dinheiro, conversava muito. Em Copacabana não. Você vai à praia, não conversa com ninguém, não é verdade? E se naquela época eu tinha o sonho de ver a praia de Copacabana, hoje em dia, eu não gosto de praia. O encanto passou. Detesto areia.

E a quantas andava seu projeto político no Rio?

Eu viajei para conhecer outras prostitutas, outras zonas. Aqui no Rio, aconteceu uma coisa que me ajudou muito. Um dia, quando a Lúcia Arruda era deputada estadual, a Benedita da Silva, que era vereadora recém-eleita, apareceu na zona por conta da organização do que se chamava "I Encontro de Mulheres de Favela e Periferia". Ela tinha ido convidar a gente para ir ao Encontro. Ela conversou com algumas meninas e elas falaram assim: "Ah, tem uma paulista aqui que adora essas coisas". Me chamaram, Benedita me explicou o que era e perguntou se eu queria ir. E eu respondi que iria se outras meninas fossem. Fomos quatro ao encontro. Lá estava a Lúcia Arruda, a Ângela Borba, Beth Lobo que morreu, um monte de gente legal. E aí, chegou uma hora em que elas disseram: "Vocês não querem falar nada?". Ninguém queria falar, daí eu falei. Foi a primeira vez que eu também falei em público. E comecei dizendo: "O meu nome é Gabriela, sou de São Paulo, estou morando aqui e sou prostituta".

Isso teve muita repercussão ou reação entre as intelectuais?

Foi um rebu! Uma prostituta que se diz prostituta! Bom, aí começou toda uma onda. Eu dei uma primeira entrevista para a Beth Lobo e logo fui procurada pela Folha de São Paulo e dei uma entrevista para o Alfredo Ribeiro. E depois disso, eu fui convidada para ir à televisão no Programa *Noites Cariocas* da Scarlet Moon e do Nelson Mota. E daí me tornei uma prostituta pública nos dois sentidos.

Gabi você não sente nenhum estranhamento em relação a você quando você intervém intelectual ou politicamente nesses locais, digamos, públicos?

Por exemplo, uma coisa desconfortável é quando sou convidada para um seminário para falar sobre prostituição, e, em vez de falar de política, as pessoas ficam me fazendo perguntas sobre a minha história, me fazem contar a minha vida. É sempre assim. Parece que eu sou a única prostituta do país. Mas, às vezes dá certo. Num seminário desses, o Rubem César estava na mesa. Quando terminou o seminário, o Rubem perguntou se eu não queria sistematizar o meu trabalho lá no ISER. Eu aceitei.

E você fez um projeto específico para o ISER?

O projeto que eu tinha era o de viajar por várias partes do Brasil para conhecer outras prostitutas e outras lideranças e organizar um primeiro Encontro Nacional. Nessa época o Zuílio era da diretoria do ISER e me falou que ia ter uma reunião do Conselho Mundial de Igrejas em Genebra e que ele gostaria de levar um projetinho meu. O que eu sei é que eu sentei ali na Taberna da Glória, e escrevi um projeto.

O projeto era a organização do Encontro?

Era. Eu precisava ter um projeto por causa das viagens, essa coisa toda. Daí, a mulher do Zuílio me ajudou a fechar o projeto, o Zuílio levou e o meu projetinho foi aprovado. O orçamento era de sete mil dólares. E eu consegui.

Onde foi esse primeiro encontro?

Aqui no Rio. No auditório do Calouste.

Qual era a pauta desse encontro?

Olha, eram várias, várias questões. Mas, a história da violência policial contra nós era tão forte na maioria das cidades, que a violência policial virou o tema macro do encontro. A polícia sempre reprimiu muito a prostituta. Nossa! No nordeste então a coisa era feia.

E vocês tinham ou têm alguma legislação de apoio?

Não existe nada na lei contra prostituta.

E eles agem em nome de quê?

Agem em nome da moral e dos bons costumes. E agem principalmente para pegar dinheiro de puta. É verdade. Agora, quem está no crime são os donos da casa. Muita coisa mudou. Eles não chegam mais assim.

Mas na época, e provavelmente muito para trás, toda ação policial era sem apoio legal?

Totalmente sem apoio legal.

Só porque não queriam te ver?

É. Exatamente. Faziam limpeza de rua. Limpar a rua era tirar as mulheres. Levava para a delegacia dava uma volta no carro, pegava todo o dinheiro...

Chegavam a matar? Espancamento? Era o quê?

Tudo. Espancamento. Tirar dinheiro. Transar de graça. Era um monte de coisa. Agora quem está contra lei, pelo código penal, são os donos de casas de prostituição, as cafetinas, os donos de hotel. Eles vão lá e pegam dinheiro para esses caras também.

Qual é essa lei?

Está no código penal: exploração da prostituição. Por isso que nós estamos com um projeto de lei de autoria do Fernando Gabeira no Congresso Nacional para tirar tudo isso do Código Penal para que esses caras passem a transar os seus deveres com as prostitutas. Porque prostituta não tem direito nenhum. Esse projeto de lei está atualmente tramitando. Seria ótimo, mas acho difícil que saia esse ano ainda!

Em que ano foi esse primeiro encontro?

Foi em 1987. Se você vir o vídeo lá de 87, está lá o Gabeira. Ele sempre esteve com a gente, desde o início. Ele nem era ainda deputado e já estava com a gente. Fora o Gabeira...

Nelson Carneiro!

Nelson Carneiro, é. Esteve com a gente. Estou sendo injusta!

Esse Encontro teve sucesso, resultados?

Foi muito difícil esse Encontro. Era o primeiro. Mas a gente conseguiu tirar um relatório de prioridades do que a gente queria porque quem nos ajudou como consultor na época, senão não ia sair nada, foi o Marcos Arruda. E o Marcos Arruda é chato demais da conta então ele organizou toda a história e foi bem legal. Ele era do o IBASE nessa época e havia se oferecido caso precisássemos de alguma ajuda. Coincidiu com um informação que tivemos de que ele era muito bom para dirigir reuniões. Então, eu perguntei se ele queria fazer isso. E foi ótimo!

Mas isso tudo tinha o apoio e era ligado diretamente ao ISER?

Era. Minha vida no ISER não foi fácil. Eu até engordei muito por conta do trabalho lá, porque o ISER era muito complicado. Era um balé de gato. Tinha de tudo lá dentro. Tinha religiosos, gente mais moderna, tinha gente que trabalhava com o meio ambiente, tudo! Houve época na qual o ISER tinha 120 funcionários e um monte de programas e o Rubem pairando sobre todo mundo. As pessoas não gostavam de mim lá por conta dessa história de prostituição e apareceu o nome do ISER na imprensa ligado à história da prostituição e isso virou um problema lá dentro. Em todas as assembleias, era sempre muita briga. Até que chegou um ponto insuportável. Mas continuei fazendo as coisas e consegui alguns financiamentos também.

Internacionais?

Internacionais e nacionais. E sempre com a ajuda do Zuílio, quem me ajudava muito.

Nessa época do ISER você ainda morava na zona?

Ih, você nem sabe como a minha vida era horrível porque eu havia saído da minha vidinha de classe média baixa, de estudante e tal e fiquei na zona. Tava toda aclimatada, contente, organizadinha. Volto para o lado de cá. Foi muito difícil para mim. Eu passei acho que mais de um ano sem casa. Andava com uma sacolinha na mão. Não conseguia me mexer para arranjar uma casa para morar. Então ia dormir na casa de amigos. E ia também para a zona. Porque eu não queria dizer para mim mesma que eu tinha saído da zona. Eu não queria!

Mas isso era por causa do tipo de trabalho que você estava fazendo? Ou era por gosto mesmo?

Por gosto! Aí, eu ia lá. Tinha dias que eu não ia. E lá ia com minha sacolinha assim, sabe, sacolinha de loja, de papel, com calcinha, escova de dente, essas coisas. Quase um ano foi isso. Até que, finalmente, eu resolvi dar uma arrumada na minha vida. Eu tomei duas atitudes. Fui procurar apartamento, aluguei um conjugado aqui na Hermenegildo de Barros, aqui pertinho, nesse pedaço onde estou morando há muito tempo. E fui a um endocrinologista para fazer uma dieta porque eu estava imensa. Agora eu estou um pouquinho gordinha mas naquela época eu estava muito gorda, de tanta ansiedade. Fiz uma dieta e emagreci onze quilos. Onze quilos para o meu tamanho é muita coisa.

E a zona nunca mais?

Não. Percebi que eu tinha que parar de frescura, que não estava na zona mesmo. Pensei: a minha vida sou eu e eu estou procurando tudo isso para mim, então vamos lá! Em 1989, quando organizamos o segundo encontro, eu já estava magra e já tinha casa. Então, já era uma outra história. Uma das decisões que a gente havia tomado no primeiro encontro foi a de fazer um jornal.

Que foi o Beijo!

Que foi o *Beijo da Rua*. O Flávio era o responsável pelas publicações do ISER. Como o Flávio já havia ajudado muito a gente na divulgação na imprensa no Encontro de 87, perguntei se ele aceitava fazer o jornal. O jornal não tinha nome nem nada. Nós fizemos um concurso para escolher o nome. E aí surgiu o *Beijo da Rua*. Em dezembro de 88, ele foi lançado e começou a ir para várias áreas de prostituição. Eu tinha um financiamento para isso. Desde então, o Flávio é editor do jornal.

Você trabalhou também com prevenção da AIDS, não foi? Isso foi quando?

Foi em 1989. Fui chamada no Ministério da Saúde para fazer campanhas específicas com as prostitutas e os homossexuais. Começamos junto com as meninas do Belém do Pará, porque já tínhamos lá uma coisa um pouquinho mais organizada. O pessoal em alguns lugares e cidades do Norte, do Nordeste, do Sul também já tinha alguma organização. E começamos um trabalho sistemático com a prevenção de AIDS.

Você ainda estava ligada ao ISER?

Estava. E a briga maior em relação a mim começou naquela época porque o Ministério da Saúde me ofereceu financiamento de um projeto para a prevenção de AIDS e eu o aceitei enquanto coordenadora do programa que eu tinha no ISER. Mas quando isso entrou dentro do ISER, foi uma briga feia porque se achava que ONG não podia aceitar financiamento público, do Estado brasileiro. E, como todo o financiamento dos primeiros anos do programa de AIDS nacional foi do Banco Mundial, aí ficava pior ainda porque o povo dizia que eu não deveria aceitar dinheiro do Banco Mundial. Então, foi um rebu danado, briga muito feia.

Foi aí que você saiu do ISER?

Não. Sai em 1991 e fizemos a Davida em 92. Em 91, eu havia começado a namorar o Flávio. Ele estava separado da Regina, a gente era muito amigo e começamos a namorar.

Você tinha tido algum outro envolvimento sério antes?

Muitos.

Mas já tinha casado?

É, eu tive dois caras com quem vivi. Não tanto tempo como o Flávio. Nunca tive muita paciência com homem, mas o Flávio é especial, né? Não é nenhum machão da vida, Começamos a namorar em novembro. Em dezembro de 91, teve a festa de natal no ISER. O Flávio não foi porque estava dando plantão no jornal, ele trabalhava no JB. E eu cheguei na festa e umas mulheres lá do ISER tinham feito um manifesto contra mim no dia da festa de natal. Ficaram distribuindo panfleto dizendo que eu era uma pessoa vendida para os Estados Unidos, para o dinheiro do Banco Mundial.

Você acha que a briga era por aí ou tinha mesmo a ver com seu envolvimento com a prostituição?

Claro que tinha. Diziam também, nessa mesma festa de natal, que eu era uma mulher muito perigosa e todas as mulheres de lá tinham se juntado porque eu tinha roubado o marido de uma delas, que era o Flávio. E isso não era verdade, porque o Flávio já estava separado há muito tempo. Foi a Regina que se separou dele. Elas colocaram isso numa carta de natal. Foi horrível! Eu fiquei muito triste. Eu só fiquei esperando o Flávio chegar para eu ir embora, eu não me agüentava ali den-

tro. O Flávio ficou até doente, tadinho. Eu sou mais forte do que ele nessas coisas. Ele ficou doente, de cama. Muito feia essa história.

Intellectual progressista é bicho estranho....E o Rubem César nisso tudo?

Não foi muito melhor do que elas não. Quando eu voltei do recesso de natal, fui direto à direção e falei para o Rubem César: “Eu vou embora, não vou ficar mais aqui. Não agüento mais tanta briga nem a baixaria dessa carta! Acho que vocês estão todos doentes e eu não vou ficar doente junto com vocês”. “O Rubem tentou evitar que eu fosse embora, me ofereceu um lugar onde eu ficaria sozinha, mas eu não queria mais nada com eles. Mas enfim ele concordou com minha saída dizendo que era direito de todo funcionário, quando não está feliz com o seu emprego, pedir demissão e ir embora. Mas eu respondi “Não, Rubem. Eu não sou uma funcionária qualquer. Eu iniciei um trabalho aqui dentro quando você me convidou, eu tenho uma documentação imensa aqui dentro que é do movimento de prostitutas e eu vou levar tudo comigo”. E havia também o *Beijo da Rua* que havia sido registrado no nome do ISER. A resposta dele foi: “Bom, para isso tem a justiça!”. Eu falei: “Exatamente”. Contratei um bom advogado, o ISER outro e foi um ano de luta e negociação.

E você conseguiu recuperar seu acervo?

Tudo!

Acervo e jornal?

Acervo, jornal, os projetos que eu tinha lá dentro, tudo. No dia que eu saí, o Flávio resolveu também sair. Saímos nós dois e juntos criamos a Davida.

O que quer dizer Davida?

Davida vem de mulher da vida. Só que está tudo junto. Não é sigla porque nós detestamos sigla. Eu detesto sigla! Era um nome que o Flávio havia sugerido para o jornal, mas não tinha vingado. Em julho de 92, criamos o Davida porque, na negociação, ficávamos mais fortes se fosse um processo instituição com instituição. Consegui até os móveis. Porque eu tinha comprado com o dinheiro do projeto, eram nossos!

Mas durante esse um ano você ficou em suspenso, sem fazer nada?

Não, eu continuava trabalhando. Negociei com o Ministério da Saúde a transferência do projeto de prevenção à AIDS porque essa parceria com o programa nacional de AIDS, vinha desde 89, é um programa considerado exemplar no mundo inteiro, e era nosso. Agora, dinheiro eu fiquei sem nenhum. Mas daí o Flávio trabalhava no JB e a gente foi levando. Depois, como eu conhecia todo mundo lá no Estácio, um senhor que era presidente de um bloco de carnaval lá que ocupava um terreno muito grande para o bloco, dois mil metros quadrados, ofereceu o espaço para construirmos uma sede. Então, fizemos lá uma coisinha pequenininha. Era nossa sede dentro do bloco. Aí eu percebi que lá tinha muita gente e não tinha lugar para as pessoas comerem. E o Lima, esse senhor, tinha uma cozinha ótima com fogão industrial e tudo. Daí eu decidi fazer comida para vender. Era um tempo intermediário enquanto essa história toda não terminava. E o meu restaurante virou o maior sucesso do Estácio. Era uma coisa impressionante.

Eu já sabia há um tempo que sua cozinha é de chef.

Eu gosto de cozinhar! E o restaurante fez muito sucesso. Aí eu inventei nas sextas-feiras de fazer um pagode. Um dia, eu saí para o mercado para comprar cebola, que tinha acabado, e eu tinha que descer uma rua lá no Estácio. Quando eu estou voltando, a fila para entrar no pagode era impressionante! E foi assim que a gente viveu um tempo, antes de decidir a história judicial do Davida. E eu não precisava ficar pegando dinheiro do Flávio para nada, eu tinha um restaurante. Quando o Davida começou mesmo, de vez, lá no Estácio, eu achei melhor parar a minha sociedade com o Lima porque restaurante ocupa muito o tempo! Mas esse período foi muito importante porque a gente ficou muito conhecido, as meninas da zona iam lá em festas e tudo. E o Davida começou lá no Estácio. Ficamos lá alguns anos. Daí nós viemos para cá, porque, outra vez o Zuílio e companhia, nos propuseram alugar salas do andar de baixo do escritório dele. A gente divide a casa e divide a infra-estrutura da casa também e é bem legal. Agora nós queremos nos mudar porque aqui está muito pequeno para nós. Queremos ir para o Centro da cidade. Estamos tentando uma casa com a subprefeitura.

Você tem muito funcionários aqui?

Nós somos, no total, vinte e tantas pessoas. Vinte e cinco, eu acho.

Todos remunerados?

Todo mundo remunerado.

E vários projetos?

Vários projetos. Um deles, que está sendo criando agora, é um núcleo de pesquisa. Registrado no Cnpq e tudo. Seria um núcleo para abrir a pesquisa e a discussão sobre a prostituição. Depois, quem sabe publicar os resultados num Cadernos da Vida...

Isso seria genial!

Não é bom?! E a gente tem uma grande documentação que está sendo processada por umas meninas da Academia Brasileira de Letras que são voluntárias aqui. Elas são documentaristas lá.

Esse acervo vai ser digitalizado?

Elas estão organizando primeiro o material e, em seguida, vão digitalizar. Mas é muita coisa e nós não temos espaço. O problema nosso, hoje em dia, é mais espaço do que profissional bom para trabalhar! Temos ainda o espaço do *Beijo da Rua*...

Qual é a periodicidade dele?

De dois em dois meses. Agora mesmo o Flavio está fechando o próximo número. Flávio tem amigos antigos, profissionais de nome, que ajudam a montar o jornal recebendo um dinheirinho, tipo R\$ 300,00. É um trabalho praticamente voluntário.

E tem a Daspu...

Daspu é um projeto novo. Nós já registramos o nome e, agora, vamos trabalhar um plano de negócios para ver se vale montar uma microempresa ou não. Porque tem muita gente Brasil afora pedindo franquia....

É uma griffe só de camisetas?

Por enquanto. Estamos fazendo a coleção que vai ser lançada em junho com roupas e mais outras coisas. Mas

estamos recebendo oferecimento de tudo. De sapato com marca Daspu, tênis, perfume.

De onde vem essas propostas?

De empresários. Eu dei uma entrevista para a Istoé Dinheiro e, a partir daí, um monte de empresários de todas as partes do Brasil mandam emails oferecendo coisas. "Você não tem interesse de ter uma marca específica de tênis Daspu? Porque eu tenho uma fábrica de tênis e gostaria muito de trabalhar com vocês!". Temos também pedidos de representação no exterior. Já teve um cara que veio de Milão aqui comprar camiseta.

As peças são design exclusivo do Sylvio Oliveira?

São do Silvio e agora tem também da Rafaela como a da Copa do Mundo que a gente apresentou no Jô. Nós fizemos uma camiseta para a Copa que está escrita aqui na frente: "Ser brasileiro não é para principiante". Ficou bem legal. Essa camiseta vai vender muito. O Silvio e a Rafaela estão trabalhando na nova coleção a partir de pesquisas com as meninas.

Hoje já temos quantas associações de prostitutas no país?

São trinta associações no Brasil hoje.

São Ongs?

Não. São filiadas à Rede Brasileira de Prostitutas.

A rede é de quem?

A rede é nossa, do movimento. Aliás, é uma briga que eu tenho com as meninas. Esse país é muito cartorial. Você forma uma rede e as pessoas já querem fazer estatuto, registrar a rede, ter presidente, vice-presidente, tudo isso. Isso não é rede, não é verdade?!

Rede é horizontal!

Rede é outra história! São pontinhos que vão se articulando. E é uma briga que eu tenho com as colegas todas aí pelo Brasil afora porque, volta e meia, vem uma história de engessar a rede.

E essa rede se comunica virtualmente?



Virtualmente, em reuniões. A gente tem o propósito de fazer um projeto nacional com as individualidades. Eu trago todo mundo para cá, consigo o dinheiro de passagem para a gente fazer projetos comuns.

E os pontos dessa rede são estados?

São cidades. Por exemplo, as meninas da Bahia que são, para mim, a mais moderna associação que nós temos, que são meninas arejadas, jovens, agora têm uma rádio. Elas conseguiram com o Ministério da Cultura uma rádio que está fazendo o maior sucesso. Chama-se *Zona FM*. É o maior sucesso!

Qual a programação da rádio?

Todo tipo de música. E tem também vários programas. Tem programa de conselhos sexuais, recebe cartas da audiência, tem cartas procurando prostitutas que se perderam da família e tal... E agora elas estão com um projeto, que era o grande sonho da Fátima, presidente da associação, de fazer uma novela radiofônica.

Show de bola! Você não havia feito uma fotonovela no seu projeto de prevenção à AIDS?

Tinha. E isso foi em 89, ainda no governo Sarney. Depois fizemos outros materiais. Agora temos uma campanha nacional realizada pelas várias associações junto com bambambans que Brasília contrata, que é a nossa campanha nacional com uma personagem chamada Maria Sem Vergonha. Uma menininha que está em todos os nossos materiais de AIDS. E tem o spot de música para aquelas rádios com Reginaldo Rossi falando sobre AIDS. Bem legal! e tal. Tem também uma publicação que escrevi com o Roberto Chateaubriand, lá de Minas, que é um psicólogo que trabalha há muito tempo junto com a gente, sobre como trabalhar a prevenção de AIDS no meio da prostituição, das vulnerabilidades específicas, a questão do estigma, tudo.

E tem ainda uma agendinha, que faz muito sucesso com as meninas, onde se fala de tudo, não só de AIDS. O legal é que qualquer material que se faça hoje, usamos a menininha, a Maria Sem Vergonha. Ela virou uma marca.

Essa campanha é mais centrada na saúde geral?

É. Mas também trabalhamos outras coisas. Por exemplo, a dupla jornada de trabalho. Então vem a Maria Sem Vergonha cuidando da casa com uma carinha de chateada e tal. Tem dicas, várias coisas. As meninas gostam muito. Fazemos adesivos também.

E no movimento, qual é hoje a demanda central?

No movimento, hoje, a grande luta é a em torno da aprovação da lei do Gabeira. Para ver se muda relação entre a prostituta e o empresário da prostituição, que é uma relação muito difícil, onde não se tem direito nenhum. Essa é a grande luta de todo mundo, de todas as meninas.

A prostituição, sem empresário, funcionaria bem?

Dá para funcionar, só que hoje ainda não pode. Por exemplo, se a gente criar uma cooperativa, automaticamente entraríamos no Código Penal porque estaríamos explorando a prostituição. É muito complicado. O Código Penal é de 1940. Quando esses artigos foram redigidos pelos juristas, a transa dele era de proteger as prostitutas, criminalizando o empresário. Mas aí você cria anomalias porque a prostituta não é fora da lei, mas ela vive num ambiente fora da lei.

Ela não é fora da lei, mas a lei é omissa?

Não é omissa. A lei considera a prostituta uma cidadã como outra qualquer e pronto, com direito de ir e vir. Terminando esse ano, que tem Copa do Mundo e eleição, a gente vai marcar presença em Brasília, conversando com deputados, essas coisas. Porque a bancada evangélica é imensa, a católica é imensa. É um horror! Tivemos sorte porque o movimento homossexual, que tem um forte trabalho lá em Brasília mas mesmo assim ainda não conseguiu aprovar a lei da união civil, tem um escritório em Brasília e ofereceu um espaço lá para a gente ocupar se quiser. Mas esse ano não adianta. É o ano da Copa...

